

TRANSCRIÇÃO - LILIA DOS SANTOS SEABRA

Dr. Lilia dos Santos Seabra: Nessa mesa de bate papo aqui, tem uma questão muito importante, que é a questão do curso de Geografia com ênfase no meio ambiente. E eu achei que para a gente começar a discussão, eu tinha que apresentar um pouco do histórico desse curso, embora alguns aqui, talvez, uma boa parte conheça o histórico desse curso. O curso de Geografia, ele se confunde um pouco com a minha entrada na universidade.

Eu entrei em 2002 na universidade e eu entrei para dar aula em duas disciplinas que se chamam: Pendências atuais no ensino de geografia, e Pendências atuais no ensino de história. É o chamado da história para a geografia, e eu entrei obviamente para dar aula para Pedagogia, em um momento em que os concursos públicos eram muito restritos, muito restritos, e então quando eu descobri quando vi a vaga aparecendo eu corri atrás da vaga, e era um concurso com muitas pessoas e tal. Eu fiz o concurso para aqui e entrei, quando eu entro, eu já estava eu já era doutoranda em um concurso que não exigia doutorado era mestranda, e aí eu entro estava toda confusa com disciplinas novas para serem trabalhadas e tal. E aí vi circulando por aqui o Henrique Sobreira, que estava aqui a pouco, era diretor da unidade, e me perguntou “vem cá, você passou nesse concurso agora, como foi? você é de história ou geografia?” e eu falei “geografia” ele me disse “vem cá, vem cá que vou te mostrar um negócio” aí ele me abriu o currículo de geografia que estava pleiteando uma aprovação, um currículo já feito, mas que estava passando por um processo complicado é... o selo de qualidade não estava querendo aquele currículo, e ele me disse “vem aqui que você pra você rever”. Eu estava chegando na universidade, mal sabia sequer se eu poderia recusar aquela tarefa nova que me davam. Mas eu falei “vamos lá, vamos ver do que se trata” e aí peguei o curso de geografia, eu era a única graduada em geografia de toda a universidade, não tinha ninguém formado em geografia (...) e aí o centro de humanidades, começou a fazer algumas solicitações.

Bom o curso primeiro teria sido rejeitado por duas questões, primeiro não havia nenhuma geógrafa nenhuma na unidade até então, e segundo não queria se

fazer um curso igual ao Maracanã ou igual a São Gonçalo. Tipo assim, “não vamos abrir mais um curso em uma unidade se vai ser igual”, bom eu tinha a tarefa de fazer um curso diferente, o que era essa história de fazer um curso diferente? E um dia me chega do centro de humanidades um recadinho do tipo “olha eles querem muito esse papo de meio ambiente” — não foi uma iniciativa minha embora um tema bastante caro, não foi uma iniciativa minha— “mas eles já tem um título para esse curso chama-se geografia e educação ambiental”. E eu falei “mas nem morta eu faço um treco desses”, geografia e educação ambiental é uma coisa muito doida, porque o raciocínio das pessoas era o seguinte: a) primeiro é uma faculdade de educação e a gente quer meio ambiente e então é educação ambiental — mas nem morta isso não existe— mas a questão ambiental é uma questão importante, então eu falei “vou começar a pensar nesse treco”.

Comecei a fazer a pesquisa em várias universidades, muitas, algumas no rio de Janeiro tinham esse lote geografia e meio ambiente, quando eu fui fazer análise dos currículos dessas disciplinas, nada de meio ambiente tinha. E aí é um lote muito mais político, em um momento que algumas universidades estavam imperlocada e resolveram colocar meio ambiente como questão primordial. Eu falei “não assim não dá, não é o que eu estou querendo” e aí eu comecei a refletir, eu estou falando eu, porque toda a dimensão ambiental que se tem nesse curso infelizmente foi dada por uma pessoa só, por mim, porque eu era a única a discutir a questão, estava na minha mão.

E aí eu falei, como vou colocar a questão ambiental, como vou pensar isso e aí eu comecei a pensar questões que eu considerava de extrema ousadia. Primeiro é, se vamos pensar história, vamos pensar história ambiental, se vamos pensar a uma discussão política da questão ambiental, vamos pensar ecologia política. Então algumas matérias foram introduzidas, como História ambiental, Ecologia Política e a própria Ecologia (...). E aí o que aconteceu com o resto das disciplinas? Se vocês observarem, existe uma concentração notória da questão ambiental nos primeiros períodos, depois dessa questão, com o tempo ela vai se diluindo, ela vai se perdendo, isso com várias questões. Essa perda, ela vai se dar pelo seguinte, por uma discussão política curricular tá?

Primeira coisa, a UERJ maracanã dizia o seguinte “ótimo História ambiental, que papo legal, que papo novo” primeira proposta que eu fiz o maracanã assim “ah que barato, só que tem um problema professora, não pode deixar história, porque isso vai cair em um campo de debate político dentro da História que é extremamente sério que é a própria aceitação da História ambiental enquanto uma história dentro da História então tem que colocar o termo **Geo** na frente.” Eu falei “Caramba, esse papo de Geohistória pra mim já é uma complicação muito grande”, clareando alguns sabem dessa história o termo **Geo** é uma questão de denominação política para aceitação do curso, não foi nenhuma discussão epistemológica ou acadêmica do que seria uma Geohistória ambiental. Enfim, isso foi feito, mas foi perdendo ao longo do curso.

Todas as matérias, no entanto tem na sua ementa a discussão ambiental, todas, se vocês pegarem geografia da população, geografia urbana, todas tem! Aí vocês vão falar, “ah mas isso não é feito” não é feito por motivos óbvios, um currículo que é construído por uma mão, é muito complicado você comprometer aqueles que estão entrando na construção de uma ideia da qual muitos não vieram participando, então veja bem, é um currículo que eu digo assim, existe uma questão ambiental inicial e é uma questão que vai se perdendo.

Agora quando eu montei esse currículo eu conversei muito com o professor Drummond, alguns colegas leram o texto do Drummond, que é um cientista político que pensou essa questão ambiental, veio pensando algum tempo, eu falei “melhor ele ver esse currículo hoje” e eu falei com ele “Drummond eu estou com isso na mão, olha só o que eu coloquei História ambiental e tal” e ele me disse “é pouco, você é muito pouco ousada” só que o limite da minha ousadia era o limite político do centro de Humanidades, era ele que ia me direcionando, e Drummond me disse “olha estão faltando matérias aí, você tem que colocar matérias de planejamento por exemplo”, essas eram matérias que estavam prontas para ser trabalhadas mas que politicamente não puderam ser.

Isso que acho que é uma questão séria pra gente pensar, a História ambiental é uma disciplina que pra mim é incontestemente dentro de um curso de geografia

com ênfase em meio ambiente, a História ambiental é a linha desse raciocínio que vai mostrar a relação sociedade natureza, ao longo do tempo histórico. E também é incontestável pra mim, existe toda uma discussão se ecologia política deve continuar no curso, não tem como na minha visão não existir, se a gente assume politicamente que a geografia vai manter a ênfase em meio ambiente, essas duas disciplinas, não estou dizendo que não exista a necessidade de novas disciplinas, existe esta claro que existe, mas essas duas disciplinas tendem a ser trabalhadas e mantidas. A Ecologia e a História ambiental, ela se dá de várias ecologias políticas ao longo do tempo, e a Ecologia política é essa discussão que nós temos hoje, de poder da política, da relação, que se estabelece das sociedades humanas com a natureza. O pessoal que trabalha comigo a disciplina lembra, primeiro período a gente vai até Sec. XIX Imperialismo do Séc. XIX, quando a gente entra no Sec. XX eu já considero uma História ambiental do tempo presente, por isso eu deixo essa ecologia Política a ser trabalhada em outra disciplina que é Ecologia Política, que eu vejo que o Luiz aborda essa questão, mas o que é que fica aí no jogo?

Estamos precisando pensar uma estrutura curricular, que possa fazer a transposição dos conhecimentos, isso é uma questão pra mim fundamental. Além de termos matérias, onde eu possa como o Luiz apresentou no trabalho, onde eu possa fazer da universidade um espaço que serve a sociedade, eu acho que é uma questão extremamente séria, dentro do curso da geografia e dentro de outros cursos da academia, nós estamos fechado em nós mesmos, estamos fechados em absolutamente, nada contra, muito pelo contrário seria uma burrice se eu fosse contra, as pesquisas de base, aqueles que dão conhecimento teórico conceitual, mas eu preciso transitar além das pesquisas de base, eu preciso chegar nas extremidades locais e com elas trabalhar. Então nós temos, duas questões que pra mim são fundamentais, primeiro é manter numa revisão curricular, um lote ambiental, enquanto uma questão importante, se é que consideramos que é, segunda questão fundamental, que possamos fazer transposições de conhecimento, ou seja, podemos estar na comunidade e servir a essa comunidade.

Neste sentido inclusive (...), eu tenho um projeto, com essa preocupação, e vou dizer por que não esta sendo desenvolvido aqui dentro, esta sendo desenvolvido junto a Fundação Oswaldo Cruz, ele se chama Geógrafos Sem Fronteiras, uma alusão sim a prática dos Médicos Sem Fronteiras dos Engenheiros Sem Fronteiras, uma alusão sim, mas também está nele a ideia de que enfim, o que o geógrafo, que pensa essa questão ambiental, pode trazer a sociedade? (...) Na função Oswaldo Cruz esse projeto está no departamento de saneamento, onde pensamos a questão da defesa civil, por exemplo, questões extremamente práticas do cotidiano das pessoas e isso eu acho sobremaneira importante. A universidade tenta aliviar essa questão “os projetos de Extensão” em absolutamente nada eu tenho contra, muito pelo contrário, mas o projeto de extensão, eles são a universidade assumindo a necessidade de chegar, a uma realidade. Então, temos que possibilitar currículos que enxerguem a realidade.

Esse currículo atual não nos possibilita esse currículo atual, ele nos possibilita refletir uma realidade enquanto modelar, o que é essa realidade modelar? É aquela realidade que está circunscrita nos grandes modelos teóricos conceituais, e que nós sabemos que trazer esses modelos teóricos conceituais para uma realidade, não significa você pegar o modelo e fazer dele uma carapuça para a realidade. Isso é uma grande questão, né? O cara pega aquele modelão, chega na realidade, tenta aplicar aquele modelo na realidade de qualquer maneira, e a realidade esta gritando “ olha não é nada disso, está tudo errado”. E aí tem várias posturas que a gente toma como pesquisador, quando a gente se dá conta que a realidade, está gritando mais do que os modelos teóricos conceituais. E aí pela posição de humildade durante o objeto, de um saber ouvir, tem uma questão de relaxamento intelectual dos modelos teóricos conceituais, para que você possa dialogar com a realidade. Mas enfim, aí são coisas que todos nós estudamos em Metodologia da Pesquisa.

Mas continuando essa história, a questão ambiental, voltando à questão ambiental, ela traz algo para dentro da Geografia, pra mim é inconteste que a geografia é um campo dentro da ciência, que mais vem dialogando com a questão ambiental, embora a ela não se reduza, a questão ambiental não se

reduza. Se a gente continuar um pouco essa questão da geografia, e as questões ambientais, a gente tem... Primeiro um olhar determinista, quando a natureza é nobre nessa questão, no sentido do poder que ela coloca diante das sociedades humanas. Uma segunda fase é uma fase de “podemos fazer tudo que queremos”, uma fase possibilista. E uma terceira fase que estamos vivendo — eu acho que essa é a grande fase— que é uma fase do determinismo revisitado, revisitamos o determinismo, obviamente não pelos moldes do determinismo lá de trás, pensamos num determinismo relativizado —prefiro determinismo relativizado, ao possibilismo relativizado— esse determinismo que diz assim: “ ser humano modifica esse planeta, a seu bel prazer, exceto em algumas questões, mas ele modifica a seu bel prazer” nós podemos, a questão é devemos... O determinismo relativizado, ele torna, ele coloca uma questão ética fundamental a ser pensada, “podemos, mas não devemos”.

E a geografia é aquela que com a posição ambiental, sempre dialogou, embora, vocês sabem a posição que eu tenho, não estou falando da geografia física, a qual para mim não existe, estou falando de diálogos que são feitos com a geomorfologia que é uma ciência individual, diálogos que são feitos com a climatologia, diálogos que são feitos com a geologia, esses são diálogos com as ciências naturais, e que a geografia sempre fez. E a geografia de certa forma, tem uma questão importante dentro da questão ambiental, que é ajustar os ponteiros do relógio do tempo geológico com o tempo social, ou seja, fazer da natureza, essa participe da construção do espaço. Ou seja, a natureza não é uma vítima passiva das ações humanas, ela responde às vezes em desalinho, aos interesses sociais, vejamos aí o grande problema que tivemos em Minas Gerais. A gente fala “vai reverter, um quadro que daqui a dez anos vai reverter”, é pelo pouco conhecimento, dez anos não dá, não são nem de brincadeira o suficiente para reverter o quadro, ali são ecossistemas quase que irreversíveis, se a gente tomar uma questão do tempo, só de entender que precisa de 50, 60,70 anos, esse tempo é tão longo, que é maior que nosso tempo de vida, então é como considerar aquele recurso, irreversível para as gerações do presente.

É, veja bem, estamos diante, de uma discussão que eu acho que a geografia consegue ser uma das ciências mais interessantes, mas não falo de geografia física, as pessoas conhecem aquilo que eu penso, geografia é essa ciência única social, pela qual o espaço é constituído pela dinâmica da sociedade, e que ela necessita, mais do que nunca, a questão ambiental nos mostra, que existem atores sociais nesse processo, a natureza é esse ator no dialogo com as sociedades humanas. Então nós tivemos uma fase de uma geografia de entender a natureza, como palco das realizações humanas. Estamos hoje, diante desse determinismo relativizado, de uma natureza que diz assim “Eu também tenho força eu dialogo. Dentro da ecologia política, eu também tenho ação política nesse espaço.”, é isso que eu acho que vêm diferenciando, na questão ambiental, dentro da questão da geografia.

Eu acho que a geografia tem uma questão séria a questão da geografia física e da geografia humana, eu acho isso uma complicação, porque a gente pensa que essas questões estão superadas, mas às vezes na fala de um colega, na fala de um aluno reproduzindo alguns livros e materiais, essas questões aparecem ainda dissociadas, como tivéssemos duas geografias, e na qual o aluno pergunta o seguinte “vem cá você é da física ou da humana?” eu cansei de responder “não eu sou da geografia, não sou da física nem da humana” até porque essas ciências são legais pra caramba, eu adoro geomorfologia, adoro geologia, adoraria dar aulas dessas disciplinas, acho que tenho conhecimento para ela, mas eu tenho consciência do lugar dessas disciplinas dentro da geografia. Então, elas são importantes enquanto conhecimento de diálogo da construção das espacialidades, mas elas não podem ser a geografia como um todo, e nem elas resumem a questão ambiental. Eu acho que a questão ambiental na geografia, esta sendo discutida com mais vigor, nas últimas décadas, essa natureza é uma natureza de pauta, (...).

É muito interessante, quando a gente caminha, por essas questões do determinismo relativizado, eu acho que a questão ambiental amostra pra gente, que quem acreditou na secularização do mundo, vem dançando, vem dançando por vários aspectos. Vem dançando, porque novos atores sociais aparecem, natureza, é um novo ator social, as próprias religiões como fator

social, quem apostou nessa secularização do mundo... e que estamos diante de um fim da história, de um fim do desenvolvimento social humano, dado pelas práticas neoliberais (...), quem acreditou nisso, esta hoje tendo que revisitar suas ideias. Primeiro que a questão natural da natureza aparece com vigor fantástico, que vai aparecer pós década de cinquenta, em um jogo ecológico, em um jogo da ecologia política incrível, que é uma década onde temos célebres trabalhos do SCHUMACHER, o “Small is beautiful”, um trabalho fantástico, ao qual o cara em momento nenhum do seu trabalho, vai se referir ao termo sustentabilidade, mas ele trabalha com o termo economia da permanência, que ele vai buscar no indiano o cara estava na década de 60, discutindo o que hoje a agente fala de desenvolvimento sustentável.

Uma década ecologicamente do ponto de visto político importante, porque é a década do movimento de contra cultura, porque é a década de trabalhos célebres (...) como o “Primavera Silenciosa”, nós temos ali naquele bojo de construção coisas absurdamente fantásticas, e que vão embasar os movimentos ambientalistas dados na década de 70, e até aquelas conferências e tal que vão aparecer lá na frente. Até chegarmos, em uma proposta de construção de sociedades, essa proposta como o Luiz se referiu ao trabalho de Sachs, Sachs vai entrar na década de 80, com um trabalho importante do ecodesenvolvimento, mas que Sachs em momento nenhum, entendeu ecodesenvolvimento dentro de uma proposta capitalista, para Sachs a proposta da natureza, ser ouvida esta em uma proposta socialista, não é um socialismo marxista, não é um socialismo real, a proposta de Sachs está no ponto de uma utopia, que também, não é um socialismo utópico, é um socialismo que ele diz assim “está para ser construído”, ele esta propondo uma sociedade alternativa, porque Sachs não compreende a possibilidade do discurso ambientalista ecológico, dentro da proposta capitalista.

Agora, o capitalismo é esse que vive em crises, mas que também é esperto pra caramba. Em 1987 é a proposta capitalista, compatibilista com o desenvolvimento sustentável. Desenvolvimento sustentável nada mais é do que o capital dizendo “ que história é essa, sou legal pra caramba. Que história é essa que eu não tenho suficiêcia econômica, que eu não tenho prudência

com o meio natural, que história é essa de dizer que eu não tenho justiça social?" (...). E aí faz o Desenvolvimento sustentável esse ícone referencial que todo mundo fala, todo mundo fala sobre ele né, é planejamento sustentável, é agricultura sustentável, é uma vitória sim do capital, sobre uma discussão importante do Desenvolvimento sustentável. Essa vitória ficou clara nesse último encontro do meio ambiente, e qual as discussões eu participei da RIO92, foi muito interessante, do ponto de vista dos atores sociais dos atores políticos e tal, e essa última que nós tivemos não foi nada, é incompatibilismo, é um ecocapitalismo, capitalismo investido nessa questão. E como é que a Geografia fica nessas questões? Essas são questões que devem estar (...) e debatidas em todas as disciplinas curriculares que vieram a se perder. Eu tô aqui tentando fazer uma discussão primeira, da importância da geografia nas questões ambientais, em segundo ponto, de uma necessidade de repensarmos uma prática e um currículo que venha atender a essas questões, se é que desejamos ter a geografia com ênfase em meio ambiente.

Eu tô pegando por aí, porque eu li lá, no que vocês estavam chamando como atenção, o que seria a questão da natureza, dentro da geografia com ênfase em meio ambiente, por isso que entrei por essa discussão. Veja bem, é tão interessante o momento que estamos vivendo, um momento de Estado Islâmico, de natureza gritando, e ora veja bem é são duas questões importantes, é o fundamentalismo islâmico mostrando que a religião ela não está na superestrutura, ela tem que ser repensada na infraestrutura. Existe um historiador chamado Thompson, que ele é um marxista, mas que ele desce de com uma série de categorias da superestrutura para ir para a estrutura, ele vai dizer que o econômico tem que dialogar com o cultural sim, e ele é marxista, ele trabalha com teoria de marxismo a ideia de classe social, a ideia de revolução, só que ele diz que a construção ideológica dessa classe, não se dá só por dar-se conta que é uma classe (...), esse dar-se conta disso é muito mais que um aspecto econômico, existe um aspecto ideológico cultural.

Então eu acho que isso é interessante no sentido da gente revisitar as ciências sociais e suas reflexões. E outra questão importante, um evento importante, é o evento de Minas Gerais, mostrando que a sociedade brasileira, não está nem

aí pra meio ambiente, não esta nem aí pras pessoas mesmo, (...), mostrando que a natureza não é uma vítima passiva ela tem limites e têm potencialidades, e a questão eu volto a dizer, podemos modificar? Podemos! Devemos modificar? Até onde? Qual é o limite da modificação? O limite da aceitação dessa natureza modificada? Enfim, questões importantes que estão sendo colocadas, que parecem que elas estão... que elas não tem nada haver, uma questão da religião com a natureza... Ela está colocando, uma revisão nas ciências sociais, e na geografia, obviamente enquanto uma ciência social são questões importantes, do mundo, agora, contemporâneo, que fazem a gente pensar, primeiro essa história de secularização do mundo, não sei disso aí não, tem essa questão da religião aí no meio, mostrando que o negócio é mais complexo do que a gente imagina, tem uma natureza dando respostas incríveis, mostrando também que o negócio é diferente.

Bom não vou me alongar, até porque eu acho legal a gente poder bater um papo. Olha só, eu só quero destacar, eu venho desenvolvendo três projetos, infelizmente eu só estou introduzindo, voltei a introduzir projeto na FEBF agora, porque vocês sabem estava na história de vou me aposentar (...). Mas eu tenho esse projeto na Fundação Oswaldo Cruz, que se chama Geógrafos Sem Fronteiras, quer dizer Geógrafos Sem Fronteiras é da minha parte, o projeto tem um nome maior que é ligado às questões de saneamento, eu entro com o subprojeto Geógrafos Sem Fronteiras, dentro da questão da defesa civil, e do que os geógrafos podem efetivamente servir a sociedade. Tenho um projeto que é específico em História ambiental, o pessoal do primeiro período conhece, é um trabalho realizado na Bacia do Macacu, onde eu trabalho o século XVI da Bacia do Macacu, nas alterações ambientais nas atividades, e aí a metodologia que se faz é de leitura das cicatrizes espaciais, as formas das rugosidades ambientais, deixadas por tempo, então eu parto do espaço para compreender o tempo, e por vezes eu lanço mão do tempo para entender as cicatrizes espaciais, é um projeto longo, foi do meu doutorado, continuou ainda, lento e gradual. E um que eu lancei agora para tentativa de bolsas agora na FEBF (...), que é um projeto ligado à criação de uma rede no estado da arte da História ambiental no Brasil, eu acho que está no momento de saber quem é quem,

quem faz o que, quais são as pesquisas desenvolvidas, então é um trabalho que pretende no fim criar uma rede onde você que se identifique com o trabalho da História ambiental, possa ingressar nessa rede e fazer uma discussão em torno dessas questões.

Fim.